



GERAL

carta do gestor

DESEMPENHO DOS PRODUTOS

FECHAMOS 2011 ACIMA DO IBOVESPA

Com o período de festas natalinas e de final de ano, todos passamos por momentos de avaliação do ano que termina e projetamos as medidas a serem tomadas para o próximo ano.

Em 2011, apesar de ter sido um ano bastante difícil para as economias dos países desenvolvidos, começando pelo terremoto seguido de tsunami no Japão – terceira maior economia do mundo. Problemas com a Líbia e demais países do norte da África, afetaram profundamente o preço do petróleo, que junto com as commodities minerais, pressionaram a inflação ao redor do mundo. O calote grego afetou o bloco europeu, trazendo dúvidas para a manutenção do Euro enquanto moeda forte e gerando ainda mais desconfiança na capacidade dos países honrarem suas dívidas.

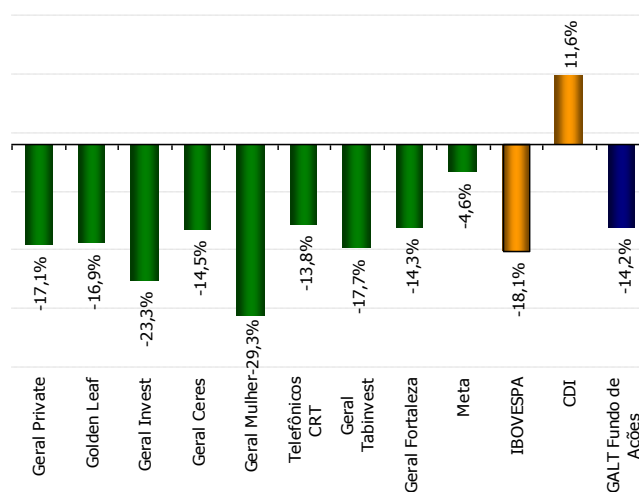
Os Estados Unidos “patinaram” em 2011, tanto na retomada do emprego como no setor de construção civil. Estes fatores listados afetaram o crescimento chinês, que está desacelerando, mas ainda em patamares históricos altos.

Este cenário negativo fez com que os investidores retirassem da nossa bolsa o saldo de R\$1,352 bilhão. Setores influentes como petróleo, siderurgia e mineração caíram fortemente, com o receio de uma crise mundial como a de 2008. No Brasil, mesmo com o cenário positivo para a nossa economia, a bolsa fechou o ano com oscilação negativa de 18,1%. Em dezembro, o Ibovespa fechou com oscilação negativa de 0,21%.

As carteira dos clubes fecharam com oscilação média de 1,5% no

mês. No acumulado do ano, a oscilação média das carteiras foi de -15,2%.

Desempenho acumulado em 2011



GALT FIA

RETOMADA DA CONFIANÇA

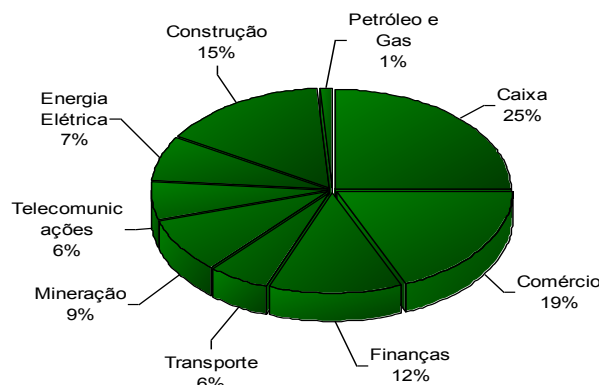
Mesmo com o cenário de desaceleração da economia brasileira no segundo semestre de 2011, fruto das medidas de política econômica e das medidas macroprudenciais do quarto trimestre de 2010, a economia brasileira está em um momento muito positivo. O crescimento da renda, níveis de pleno emprego em algumas capitais e o aumento do salário mínimo mantêm o viés positivo para o mercado interno. Setores ligados ao comércio, construção civil, bancário, energia elétrica continuarão sendo destaques em 2012.

Devido à manutenção da volatilidade do mercado, realizamos a venda de posições de curto prazo que estavam com lucro como OGX, Petrobrás e Duratex, além da posição *long* de Localiza.

No dia 13 de dezembro, após divulgação de novo adiamento no início da produção de petróleo pela OGX, zeramos a posição no papel, conforme estabelecido na estratégia de compra – a produção de final de dezembro deveria iniciar com extração acima de 15 mil barris/dia – fato que não ocorreria mais.

No final de dezembro, aumentamos nossa posição de BR Malls e EZTec, além de comprarmos Hering Têxtil, dentro da linha estratégica de focar no mercado interno, nos setores listados acima.

COMPOSIÇÃO DA CARTEIRA



Gestão e Análise: GERAL Investimentos | Gestão de Recursos

Alessandro Barreto - Gestor: alessandrobarreto@geralinvestimentos.com.br
Denilson Alencastro - Economista: denilsonalencastro@geralinvestimentos.com.br
Carlos Muller - Analista CNPI: carlosmuller@geralinvestimentos.com.br

Relação com Investidores

Consultoria de Investimentos: ci@geralinvestimentos.com.br
Fone: 51 3213 2704



ESTRATÉGIAS DE GESTÃO PRINCIPAIS RECOMENDAÇÕES PARA 2012

Diante de uma perspectiva de cenário para 2012 de (i) redução de taxa de juros e outras medidas de estímulo econômico no Brasil, (ii) incerteza em relação a economia europeia e a solução da crise, (iii) crescimento norte americano melhor ainda que moderado e (iv) crescimento na China a taxas abaixo dos últimos anos (soft landing), estamos descrevendo nossas expectativas para os setores que devem exibir um desempenho favorável ao longo do ano:

Varejo: Setor tende a ser favorecido pelo: (i) aumento da renda e conseqüentemente aumento do consumo; o que deve levar à (ii) abertura de novas lojas; Paralelamente observamos também a queda do preço do algodão no mercado internacional. Neste setor vemos como favorável a posição em **Cia. Hering (HGTX3)**. A empresa é uma das maiores varejistas de vestuário do país, atuando em três etapas da cadeia: produção, gestão de marcas e varejo. Possui quatro marcas fortes no mercado (Hering, Hering Kids, PUC e Dzarm) e negocia seus produtos através de lojas próprias e do varejo multimarcas. A Hering tem apresentado taxas de crescimento muito fortes, que devem se manter nos próximos trimestres. Além disso, por ter caixa líquido e não financiar diretamente seus clientes, em momentos de estresse de mercado tende a não sofrer impactos tão negativos quanto seus concorrentes.

Construção: O setor de construção apresenta fatores favoráveis como: (i) Déficit habitacional; (ii) estímulos do governo para aquisições de imóveis; (iii) formação de novas famílias; e (iv) bônus demográfico elevado. Dessa forma, consideramos **Eztec (EZTC3)** como uma opção no setor para tirar proveito desses fatores ao longo de 2012. A Eztec é atuante nos segmentos de Incorporação Imobiliária e Engenharia e Construção na região metropolitana de São Paulo. A companhia apresenta margens elevadas e conservadora estrutura de capital, somada a um banco de terrenos consistente com sua estratégia de crescimento, o que lhe garante vantagens competitivas em seu setor de atuação. Para o próximo ano, segue com projeções elevadas de lançamentos e vendas, além de expectativa de crescimento de seu lucro e de suas margens.

Shoppings: O setor de shoppings possui os mesmos drivers de crescimento do setor de varejo. Acreditamos em **BR Malls (BRML3)** nesse setor. A empresa integrada de shoppings centers, com atuação em todas as regiões do país, cujo foco são as classes B e C. A companhia tem expandido suas operações por meio de aquisições, além de possuir um portfólio de novos projetos muito interessante. Sua recomendação é pautada nas boas perspectivas de crescimento, múltiplos atraentes, elevadas margens operacionais e forte geração de caixa.

Financeiro: O nível de crédito é muito baixo em relação às economias desenvolvidas. Com um histórico de gestão ágil e competente, o **Itaú Unibanco (ITUB4)** se destaca entre os grandes bancos brasileiros. A composição da receita e a carteira de crédito são bastante diversificados, o que diminui consideravelmente o risco do banco. Possui as maiores margens de rentabilidade do setor bancário.

Alimentos e Bebidas: Preferimos bebidas ante a Alimentos. Em bebidas, preferimos **Ambev (AMBV4)**. Alguns fatores devem impactar positivamente o setor de bebidas ao longo de 2012 como, por exemplo: (i) aumento do salário mínimo e conseqüentemente disponibilidade da renda per capita; (ii) Migração da população das classes de baixa renda para classes intermediárias o que influencia o consumo. Para Ambev vemos um cenário favorável diante de catalisadores que podem continuar sustentando o movimento de alta das ações. (i) Equilíbrio entre preço e volumes; (ii) Crescimento das classes nas regiões Norte e Nordeste; (iii) Crescimento do consumo no segmento premium (Stella Artois e Budweiser) por parte da classe alta; (iv) inovações e embalagens, como por exemplo: o aumento da produção e utilização de embalagens retornáveis.

Mineração: Setor ainda deve se beneficiar da forte demanda por parte da China. No entanto, o início do ano deve ser volátil em função da reestruturação de estoques das siderúrgicas chinesas, o que é positivo e mudança nos preços dos contratos por parte de alguns clientes chineses, o que é negativo. No longo prazo, a tendência é que os preços se mantenham em níveis razoavelmente elevados em função da escassez de oferta em que o setor se encontra. O crescimento das economias emergentes, expansão do setor de construção também são fatores positivos para o setor. Em mineração preferimos **Vale (VALE5)**. A empresa passa por algumas dificuldades no curto prazo, como por exemplo, a queda dos preços de minério de ferro, pressão por parte dos clientes em mudar o sistema de precificação dos contratos, regulamentação do novo marco regulatório de mineração, etc. No entanto, temos uma visão otimista para a empresa no longo prazo pois ela principalmente consegue sustentar um plano de investimentos muito forte e ao mesmo tempo agregar valor ao acionista. Possui poder de preço e assim, tem uma maior flexibilização em negociação dos contratos com clientes. Além disso, os múltiplos da empresa estão muito atrativos em comparação com seus pares internacionais.

COMENTÁRIO ECONÔMICO | AVALIAÇÃO 4º TRIMESTRE DE 2011

O ambiente foi volátil para o mercado financeiro no quarto trimestre de 2011, mas de otimismo moderado. Isso em razão: das medidas tomadas na Europa; dos números da economia dos Estados Unidos que surpreenderam as expectativas positivamente; das iniciativas realizadas em conjunto pelos países desenvolvidos; e da disposição do governo brasileiro de manter a economia do Brasil em expansão, aceitando a inflação por mais tempo acima da meta.

Na Europa, a euforia observada, sobretudo, em outubro deveu-se às decisões tomadas pelas autoridades europeias. As principais medidas tomadas foram: (i) permissão de alavancagem do Fundo de Estabilidade Europeu (EFSF, na sigla em inglês); (ii) aceitação por parte dos credores de redução de 50% no valor dos títulos da Grécia; (iii) programa de recapitalização dos bancos de 106 bilhões de euros até o 2º semestre de 2012; (iv) o compromisso da Itália em adotar políticas que visem o crescimento e melhore a situação fiscal do país. Essas medidas terão como "funding" o fundo de resgate (que concede garantias e cria entidade financeira para comprar os títulos privados e públicos).

Já em novembro o viés foi mais pessimista, sendo dado destaque para: (i) a redução de rating em Portugal, (ii) aumento das taxas de juros dos títulos públicos de muitos países; (iii) o ajuste fiscal rígido na Itália; e (iv) a mudança dos condutores da política econômica em alguns países europeus. Refletindo esse ambiente mais carregado na Europa, o Ibovespa teve queda de 2,51% em novembro, ante alta de 11,49% em outubro.

Em dezembro, o mercado seguiu com viés pessimista em relação à Europa. Os principais motivos da falta de confiança no futuro da região foram: (i) a rejeição por parte da Alemanha de aumentar o limite do Mecanismo Europeu de Estabilidade (ESM, na sigla em inglês), que hoje é de 500 bilhões de euros; (ii) anúncio por parte das agências de rating de que novos rebaixamentos ocorrerão no futuro próximo; e (iii) alguns dados melhores das economias dos países desenvolvidos, mas que ainda seguem fracos. Além disso, teve ênfase a decisão da cúpula europeia na segunda semana de dezembro. A cúpula divulgou as seguintes decisões: (i) um mecanismo permanente de resgate (ESM), substituindo a Linha de Estabilidade Financeira Europeia (EFSF) a partir de julho de 2012; (ii) um



COMENTÁRIO ECONÔMICO

AVALIAÇÃO 4 T 11

empréstimo de 200 bilhões de euros ao FMI; e (iii) limite para os déficits e dívida pública em relação ao PIB.

No final de dezembro, o Banco Central Europeu forneceu € 489,2 bilhões para 523 bancos do continente, em empréstimos com prazo de três anos, à taxa de 1% ao ano. A ação teve como objetivo: (i) estimular os bancos a reativarem empréstimos a famílias e empresas; (ii) estimulá-los a comprar títulos de países mais vulneráveis; e (iii) tranquilizar o mercado quanto à necessidade de financiamento dos bancos em 2012. O empréstimo, de fato, garantiu dois terços dos recursos de que os bancos precisarão para todo o ano de 2012. Não é certo, contudo, que os bancos comprarão os títulos dos países em dificuldade, uma vez que, na prática, o que se vê é a redução da exposição aos títulos de países como Espanha, Itália, Grécia e Portugal. Famílias e empresas também devem permanecer cautelosas no curto prazo, dado o cenário atual, o que faz com que evitem tomar empréstimos. O mais provável, portanto, é que os bancos usem os recursos disponíveis para se proteger, uma vez que nenhuma solução definitiva para a crise foi anunciada ainda. Além do empréstimo, foi noticiado, também, que os membros da União Europeia fornecerão € 150 bilhões para o FMI responder à crise na Europa. O valor é inferior aos € 200 bilhões prometidos pelos líderes europeus duas semanas atrás, mas a notícia, de qualquer forma, parece ter ajudado a acalmar o mercado no fim do ano.

Em suma, embora os líderes europeus tenham tomado diversas medidas para retomar a confiança dos agentes econômicos na economia europeia, a situação ainda é complicada, sobretudo, pela dificuldade dos países da região em rolar suas dívidas soberanas, pelos dados correntes de atividade permanecerem fracos, pela perspectiva cada vez pior de crescimento econômico da região e pelo forte ajuste fiscal que passará a região.

Quanto à economia dos Estados Unidos, os indicadores correntes da economia do país vieram mais favoráveis nesse último trimestre, sendo os destaques o crescimento de 2,5% do PIB no 3T11 na comparação com o 2T11 e a retomada, ainda marginal, dos indicadores do setor imobiliário e da criação de empregos. Embora os dados tenham vindo melhores, o quadro para o país ainda segue de recuperação moderada.

É importante ressaltar também que o Federal Reserve (Fed, Banco Central dos EUA) contribuiu, na reunião do último dia 13 dezembro, para a expectativa de uma recuperação lenta da economia mundial. O mercado esperava o anúncio de um novo programa de expansão quantitativa (QE, na sigla em inglês) por parte da autoridade monetária, o que não ocorreu. O Fed manteve a taxa básica de juros entre 0% e 0,25% a.a., que segue a mesma desde dezembro de 2008.

Externamente, destaque também nesse último trimestre, para a ação conjunta de alguns bancos centrais e a redução do recolhimento compulsório por parte do Banco do Povo da China (Banco Central do país). Seis bancos centrais liderados pelo Fed decidiram cortar os custos das operações em dólares com o objetivo de prover liquidez ao Sistema Financeiro Internacional, dado a falta de confiança dos agentes financeiros. Com o mesmo objetivo, mas no mercado chinês, o Banco do Povo reduziu a taxa do compulsório de 21,5% para 20% para aumentar a liquidez no sistema financeiro do país.

No Brasil, tiveram ênfase as medidas de política monetária e fiscal. Do lado monetário, o destaque foi dado à decisão do Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom), que reduziu a taxa Selic para 11,00% a.a., 1,0 p.p. nas últimas reuniões do comitê. O colegiado seguiu com o processo de ajuste das condições monetárias, com o objetivo de mitigar os efeitos da crise internacional. A projeção é que o Copom siga reduzindo a taxa de juros nos próximos meses. Do lado fiscal, o governo brasileiro tomou medidas de estímulo ao consumo e ao investimento (as medidas foram relatadas na carta de dezembro).

Importante também relatar que na última semana de dezembro/11 o Brasil subiu no ranking das maiores economias do mundo. Segundo levantamento do Centro de Pesquisa de Economia e Negócios (CEBR, na sigla em inglês) divulgado pelo jornal britânico "The Guardian", o Brasil passou o Reino Unido e se tornou a sexta maior economia do mundo. Além disso, conforme decreto publicado no Diário Oficial da União, o novo salário mínimo é agora de R\$ 622,00, o que representa um aumento de 14,3% em relação ao salário de 2011 (R\$ 545,00) e um impacto total de R\$ 23,9 bilhões nos gastos públicos em 2012 e em torno de R\$ 47 bilhões na economia brasileira.

Nesse ambiente instável, mas de menor aversão ao risco no quarto trimestre, observa-se pela Tabelas 1 que o dólar teve leve valorização frente ao real, mas com elevada volatilidade, com a taxa de câmbio variando entre R\$/US\$ 1,68 e 1,90 no quarto trimestre (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Evolução da taxa de câmbio (R\$/US\$) - dez/10 - dez/11



Ademais, é importante ressaltar que o dólar teve valorização em relação ao euro no período em função do foco da crise ser na Europa e pela economia norte-americana apresentar recuperação melhor do que a maior parte dos países do velho continente (Tabela 1).

Tabela 1 - Cotação e variação percentual (%) de moedas selecionadas - 2011

Moedas	Cotação			Variação (%)	
	2010 (A)	3T11 (B)	4T11 (C)	C/B	C/A
Taxa de câmbio (Real/Dólar)	1,67	1,85	1,88	1,15	12,58
Taxa de câmbio (Real/Euro)	2,23	2,49	2,43	-2,39	9,25
Taxa de câmbio (Dólar/Euro)	1,34	1,34	1,30	-3,50	-2,95
Taxa de câmbio (Real/Libra Esterlina)	2,59	2,90	2,91	0,61	12,64
Taxa de câmbio (Dólar/Libra esterlina)	1,56	1,56	1,55	-0,24	-0,42
Taxa de câmbio (Iene/Dólar)	81,17	77,09	76,96	-0,17	-5,19
Taxa de câmbio (Yuan/Dólar)	6,61	6,38	6,30	-1,40	-4,72

Fonte: Bloomberg

Elaboração: Geral Investimentos

Diante do quadro de soluções para os problemas europeus e dados melhores da economia dos Estados Unidos no quarto trimestre, o Índice da Bolsa de Valores de São Paulo (Ibovespa) registrou elevação no 4T11 (8,47%), conforme a Tabela 2. O índice, que havia fechado 2010 aos 69.305 pontos, ficou em 56.754 pontos, o que representou queda de 18,11% no ano passado.

Em relação ao futuro, a expectativa é que o ambiente econômico internacional siga marcado pela volatilidade em razão do ajuste fiscal que os países desenvolvidos continuarão enfrentando, e do processo de desalavancagem pelo qual passam algumas das maiores economias do globo.



COMENTÁRIO ECONÔMICO

AVALIAÇÃO 4 T 11

A China, mesmo crescendo, terá que se ajustar melhor ao ambiente de maior restrição externa, dado que o modelo de expansão chinês era muito voltado para fora, além de controlar o sistema financeiro, afetado pelo setor imobiliário.

Tabela 2 - Cotação e variação percentual (%) de índices de bolsas de valores selecionados - 2011

Índices	Valores em pontos			Variação (%)	
	2010 (A)	3T11 (B)	4T11 (C)	C/B	C/A
Alemanha - Dax	6.914	5.502	5.898	7,20	-14,69
Brasil - Bovespa	69.305	52.324	56.754	8,47	-18,11
China - Shanghai SE Composite	2.808	2.359	2.199	-6,77	-21,68
EUA - Dow Jones	11.578	10.913	12.218	11,95	5,53
Japão - Nikkei	10.229	8.700	8.455	-2,82	-17,34
Reino Unido - FTSE 100	5.900	5.128	5.572	8,65	-5,55

Fonte: Bloomberg

Elaboração: Geral Investimentos

Para o Brasil, a expectativa, conforme colocado na carta de dezembro, é que o país sinta os reflexos da volatilidade projetada para os próximos meses. Todavia, é importante salientar que o país é uma das nações que possui instrumentos de política econômica para agir de forma anticíclica, diante do baixo crescimento esperado para as economias avançadas, de forma a combater os efeitos da crise e sair antes dela, tal qual aconteceu em 2008. O governo quer aproveitar esse momento único para reduzir a taxa de juros, fomentando o crédito, consumo e demais medidas de estímulo ao crescimento brasileiro, principalmente o investimento, mesmo correndo o risco de pressões inflacionárias. Neste contexto, os investidores que se habituaram a receber retornos elevados nos títulos públicos, praticamente sem riscos, terão que encontrar novas alternativas, como os títulos privados (ações, debêntures, entre outros), num ambiente de taxa de juros a um dígito.

PERSPECTIVAS

EURO X DÓLAR E OS REFLEXOS NO REAL

Estamos aprofundando a leitura e análise dos dados relativos ao cenário externo, uma vez que as medidas implementadas na União Europeia, Estados Unidos e China afetarão diretamente as principais ações cíclicas da nossa Bolsa.

Não acreditamos no fim do Euro como moeda da região, apesar de também não acreditamos ser fácil a solução dos impasses relativos às dívidas de países como a Grécia, Itália, Espanha, Irlanda e Portugal. A França também passa a ser avaliada pelas agências de risco. Somente a Alemanha encontra-se em situação melhor, com a economia rodando ajustada, mas mesmo assim, sofreria fortes consequências de uma ruptura do euro, em virtude do calote afetar diretamente os bancos germânicos.

Os Estados Unidos entram em ano de eleições presidenciais, onde o presidente Barack Obama tentará a reeleição, sofrendo pressão contrária dos republicanos, que desejam voltar ao poder. Lá, a retomada do emprego e o reaquecimento do mercado imobiliário, além do controle do endividamento público vão estar na agenda principal, sendo que um pro-

vável novo ciclo de afrouxamento monetário - QE3 - faria com que nossa moeda voltasse a se valorizar frente ao dólar, penalizando ainda mais nossas exportações e prejudicando nossa indústria com a entrada de produtos importados, principalmente chineses.

Por fim, a China, que exporta prioritariamente para as economias da União Europeia e Estados Unidos, é dependente destes e também do fortalecimento da sua economia interna para manter seu crescimento acelerado. A queda do preço das commodities no último trimestre reduziu as pressões inflacionárias, aumentando o armamento do governo chinês nas políticas de afrouxamento monetário. Assim, mantemos o foco nos setores da economia brasileira que são pouco afetados por essa conjuntura internacional, mantendo o acompanhamento para identificar oportunidades geradas por mudanças no cenário externo.

Alessandro Barreto
Gestor

GESTOR

Geral Investimentos - Gestão de Recursos
www.geralinvestimentos.com.br/gestao
Fone: (51)2111.1010

ADMINISTRADOR/DISTRIBUIDOR

BNY Mellon Serviços Financeiros DTVM S/A (CNPJ):
02.201.501/0001-61)
Av. Presidente Wilson, 231, 11º andar - RJ - 20.030-905
Fones: (21) 3219-2998 Fax (21) 3974-4501
SAC: "Fale Conosco" em www.bnymellon.com.br/sf
(21) 3974-4600, (11) 3050-8010, 0800 725 3219

ouvidoria@bnymellon.com.br

INFORMAÇÕES

galtfia@geralinvestimentos.com.br

CUSTODIANTE

Banco Bradesco S.A.

AUDITORIA

KPMG Auditores Independentes

DISTRIBUIDOR:

Geral Investimentos
www.geralinvestimentos.com.br
(51) 3213-2704

DIVULGAÇÃO DE COTAS:

Zero Hora e Valor Econômico

CONTA CORRENTE DO FUNDO:

Cientes BNY Mellon

Favorecido: Geral Asset Long Term Fia

CNPJ: 04.163.555/0001-05

Banco: Bradesco - 237

Ag.: 2856

C/C: 616.527-3

Cientes Geral Investimentos

Favorecido: Corretora Geral de Valores e Câmbio

CNPJ: 92.858.380/0001-18

Banco Bradesco—237

Este material é fornecido ao seu destinatário com a finalidade exclusiva de apresentar informações, não se constituindo numa oferta de venda ou uma solicitação para compra de ações. A Geral Investimentos—Gestão de Recursos não integra o sistema de distribuição de valores. A distribuição dos produtos geridos pela empresa são realizadas pela Geral Investimentos e seus prepostos. Os fundos de ações podem estar expostos a significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. Este fundo utiliza estratégias com derivativos como parte integrante de sua política de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas. Investir em ações é recomendando a clientes com perfil arrojado. Mudanças no cenário econômico podem acarretar oscilações nos preços das ações afetando seu desempenho. O prazo recomendado para este investimento é de longo prazo. Produto destinado ao varejo.

A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. Ao investidor é obrigatória a leitura cuidadosa do prospecto e do regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. A taxa de administração exposta acima é a taxa mínima, tendo em vista que o fundo admite aplicações em cotas de outros fundos de investimento, fica instituída a taxa de administração máxima de 3% ao ano sobre o valor do patrimônio líquido. As rentabilidades divulgadas não são líquida de impostos. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do fundo garantidor de créditos - FGC. Em atendimento à Instrução CVM nº 465, desde 02/05/2008, os fundos de renda variável deixaram de apurar sua rentabilidade com base na cotação média das ações e passou a fazê-lo com base na cotação de fechamento. Assim comparações de rentabilidade devem utilizar, para períodos anteriores a 02/05/2008, a cotação média dos índices de ações e, para períodos posteriores a esta data, a cotação de fechamento.